

DOBRAS INCÔMODAS: ENTRE CORPOS GORDOS E PRÁTICAS ESPORTIVAS

Cláudia Samuel Kessler¹
Viviane Teixeira Silveira²

Aprovado em: 13/08/2022

Resumo: O presente ensaio reflete sobre corpos gordos no esporte moderno, que extrapolam os padrões impostos por um sistema capitalista altamente regulador das subjetividades. Os corpos desejáveis não são apenas produtivos, mas também vendáveis e carregam consigo representações classistas e racializadas. Analisamos as pressões relacionadas à estética e à *performance* impostas a atletas na atualidade, questionando a ideia de *performance* ligada ao corpo magro e jovem. Consideramos que o corpo gordo historicamente passou não apenas por julgamentos morais relacionados à forma física, mas também relacionados a status social, sendo até o século XIX considerado símbolo de poder financeiro e político. A partir de casos amplamente divulgados na mídia, parte-se da análise de críticas a três futebolistas da seleção brasileira e, posteriormente, reflete-se sobre modalidades em que a gordura corporal pode ser considerada positiva ou até mesmo aceitável, como no handebol e jiu-jitsu.

Palavras-chave: Esporte. Corpo. Futebol. Gênero.

UNCOMFORTABLE FOLDS: BETWEEN FAT BODIES AND SPORTS PRACTICES

Abstract: This essay reflects on issues related to fat bodies in modern sport, with the presentation of bodies that go beyond the standards imposed by a capitalist system that highly regulates subjectivities. Desirable bodies are not only productive, but also salable and carry class and racialized representations. We analyze the pressures related to aesthetics, and performance that are imposed on athletes today and question the idea of performance linked to a thin and young body. We consider that the fat body has historically passed not only through moral judgments related to physical shape, but also related to social status, being until the 19th century considered a symbol of financial and political power. Based on cases widely publicized in the media, we initially analyzed the criticisms of three footballers from the Brazilian national team and, later, we reflected on modalities in which body fat can be considered positive or even acceptable, such as for handball and jiu-jitsu.

Keywords: Sport. Body. Soccer. Gender.

PLIEGUES INCÓMODOS: ENTRE CUERPOS GORDOS Y PRÁCTICAS DEPORTIVAS

Resumen: Este ensayo reflexiona sobre cuestiones relacionadas con los cuerpos gordos en el deporte moderno, con cuerpos que extrapolan los estándares señalados por un sistema

¹ Doutora em Antropologia Social pela UFRGS. Professora na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jornalista24h@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1292-6914>.

² Professora na Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: viviane.silveira@unemat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-43837412>.

capitalista altamente regulador de las subjetividades. Se analizan las presiones estéticas y de rendimiento que sufren los deportistas en la actualidad, además de cuestionar la idea de rendimiento. Consideramos que el cuerpo gordo ha pasado históricamente no solo por juicios morales relacionados con la forma física, sino también relacionados con el estatus social, siendo hasta el siglo XIX considerado un símbolo de poder económico y político. A partir de casos ampliamente difundidos en los medios, analizamos inicialmente los casos de tres futbolistas y, posteriormente, reflexionamos sobre modalidades en las que la grasa corporal puede considerarse positiva o incluso aceptable, como en el balonmano y en el jiu-jitsu.

Palabras-clave: Deporte. Cuerpo. Fútbol. Género.

INTRODUÇÃO

O ideal de corpo na atualidade é resultado de diversas construções sociohistóricas. De acordo com Andrade (2003), o ideal de corpo belo e saudável que passa a ser construído principalmente a partir da segunda metade do século XX está associado ao autocontrole, ao sacrifício e à vigília contínua. Acima de tudo, atribui-se ao indivíduo a responsabilidade individual de uma constante busca pela saúde, queima de gordura, prática de exercícios e prevenção de doenças. Neste sentido, entende-se que "A mídia, a publicidade, a indústria (cosmetológica, da moda, do fitness,...) tornaram o corpo um artefato do mercado econômico/social/cultural" (ANDRADE, 2003, p. 121).

Santolin e Rigo (2015) chamam de "presente lipofóbico" este mundo de imposição de medida de massa corpórea ou de tecidos adiposos. Os autores datam o nascimento histórico da obesidade entre os séculos XVII e XIX, a partir de princípios baseados na ética (do corpo produtivo), na estética (sem deformações/fealdade) e na moral religiosa (em que o pecado da gula, conforme os princípios cristãos, deveria ser combatido). Ao longo do século XIX foram desenvolvidos os fundamentos biopolíticos de controle dos corpos e a sustentação científica patologizante da gordura. Percebe-se, portanto, o desenvolvimento e sustentação de uma ciência, sobretudo biomédica, que se torna capaz de medir e, a partir disso, moralizar os corpos e condutas.

A gordofobia³, também chamada violência com os corpos gordos, é assunto recente nas pesquisas acadêmicas com um olhar mais social e interdisciplinar (JIMENEZ,

³ "Esse ódio e pavor é denominado de gordofobia. É uma discriminação que leva à exclusão social e, conseqüentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea. O prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensa e restrição dos corpos gordos de modo geral" (JIMENEZ, 2020, p. 147)

SILVA, 2021). A maioria das investigações que envolvem essa temática advém da área médica e produz um discurso que liga a obesidade ou o excesso de peso a fatores de risco e diminuição da qualidade de vida.

Souza e Gonçalves (2021, p. 3) apresentam a visão sócio-histórica de mudança de percepção da gordura corporal, em que "ora o corpo gordo é tido como o modelo ideal, representação de riqueza, fartura e boa saúde, ora visto como problema a ser combatido, sinal de doença e deformidade". De acordo com Souza e Gonçalves (2021), o binômio magreza/saúde é fundamentado pela biomedicina, a partir de valores presentes e ressaltados pelo sistema capitalista, que constantemente coage os corpos a se enquadrarem em uma ideia específica de corpo saudável, padronizado e produtor (de lucro, de movimento, de atividade).

Souza e Gonçalves (2021) afirmam que na Idade Média o alimento era escasso e demonstrar um corpo avantajado era sinônimo de fartura, prosperidade e riqueza. A configuração corpórea volumosa passou a ser mal vista principalmente a partir da Revolução Industrial, quando os corpos passaram a ter uma inspeção corporal mais rígida. O corpo ideal deveria se enquadrar num modelo de vida mais ágil. No pensamento capitalista, o corpo é entendido como um empreendimento individual e que deve seguir um padrão baseado em uma dieta entendida como saudável, que contemple boas escolhas e autocontrole (SOUZA; GONÇALVES, 2021).

A partir dos discursos biomédicos, nos quais as pesquisas geralmente são baseadas em dados epidemiológicos, o corpo gordo (obeso ou com sobrepeso) transformou-se em uma questão de saúde pública e, com isso, tornou-se alvo de políticas de prevenção e de medicalização (ALVES; GUILHERME; SANTOS, 2021). A gordura passa a ser vista como um problema, com o apoio da utilização de parâmetros que auxiliam à detecção dos corpos considerados saudáveis/normais e aqueles que são considerados como doentes/obesos. Dessa forma, os corpos gordos transgridem, porque "(...) eles parecem violar constantemente as regras que governam o comer, o prazer, o trabalho e o esforço, a vontade e o controle de si" (FISCHLER, 1995, p. 74).

O corpo gordo transgride uma lógica de consumo presente no sistema neoliberal, em que: "Alimentos, atividade física, cirurgias plásticas, drogas farmacêuticas, equipamentos especiais, veículos de informação especializados e um

sem fim de produtos estão á (sic) sua disposição nas prateleiras do mercado do corpo” (MATOS; ZOBOLI; MEZZARROBA, 2012, p. 13).

Conforme Jimenez e Silva (2021) é preciso romper com a lógica de patologização da corporeidade das mulheres gordas. As demandas sociais exigidas para corpos serem considerados desejáveis ou aceitáveis são diversas, e aí devemos pensar em alguns privilégios conferidos à branquitude, corpos enquadrados na cisheteronormatividade, corpos malhados, jovens ou sem deficiências e deformidades.

[...] o corpo gordo é negado, pois admitir sua existência favorece a tolerância de uma diversidade física que não é atrativa ao olhar heteropatriarcal, que não contribui significativamente para o sistema econômico, pois se baseia na noção do organismo doente que precisa ser atendido e, portanto, não tem capacidade suficiente para atender às demandas produtivas atuais [...] (SÁNCHEZ, 2021, p. 6).⁴

Sánchez (2021) ressalta a rígida estrutura da estética influenciando na autopercepção corporal principalmente de mulheres, a partir de uma visão negativa sobre a gordura corporal que culmina em pensamentos de desvalorização (como depressão, pensamentos suicidas, sentimentos de vergonha ou culpa). Esta autora também atenta para o caráter social da visão negativa sobre a gordura corporal, com construções simbólicas que carregam mensagens depreciativas, como: piadas, silêncios, olhares, etc. Dessa forma, o disciplinamento do corpo e o treinamento físico frequentemente fazem parte dos instrumentos para alcançar um padrão estético corporal que contenha representações sociais positivas.

Conforme Oraka et al. (2020), deve-se atentar que a obesidade, embora presente em toda a sociedade contemporânea, possui mais incidências em determinados grupos raciais (como mulheres pretas) e "embora a obesidade não se restrinja a um segmento populacional, ela é mais frequente nos estratos com menor renda e escolaridade, estando associada ao consumo alimentar, à inatividade física e ao status socioeconômico" (ORAKA et al., 2020, p. 2).

⁴ Tradução do original: “[...] el cuerpo gordo es negado, pues admitir su existencia propicia la tolerancia de una diversidad física que no es atractiva a la mirada heteropatriarcal, que no aporta significativamente al sistema económico, pues se parte de la noción del organismo enfermo que necesita ser atendido y que por ende, no es suficientemente capaz de cumplir con las exigencias productivas actuales [...]” (SÁNCHEZ, 2021, p. 6).

O corpo, visto desde esta perspectiva, é um construto social e cultural alvo de diferentes e múltiplos marcadores identitários. É nele que marcas/símbolos culturais são inscritos e funcionam como um modo de classificar, agrupar, ordenar, qualificar, diferenciar, etc. Essas marcas posicionam de diferentes modos os sujeitos na escala social, determinando quem pertence ou não a certas classificações de corpo: magro, alto, belo, branco, jovem, heterossexual, saudável, entre outros. Esses marcadores identitários não são fixos ou estáveis, são objetos de uma contínua construção (ANDRADE, 2003, p. 123).

Os protocolos biomédicos estigmatizam os corpos, tentando defini-los a partir de bases de pesquisa que não conseguem abranger a diversidade de corpos. Medidas como o IMC (Índice de Massa Corporal) podem ser consideradas como padrões universais que servem como auxiliares nas pesquisas estatísticas epidemiológicas, mas que não representam a saúde particular de uma pessoa e nem o bom funcionamento de seu metabolismo. O IMC, por exemplo, realiza um cálculo por peso que desconsidera a porcentagem referente a gordura, músculos ou ossos (CALLAHAN, 2021).

Neste ensaio pretendemos ponderar sobre alguns/algumas atletas de modalidades esportivas de alto rendimento que apresentaram na mídia corpos mais volumosos que os esperados para sua atividade profissional. Para isso, como forma ilustrativa, trazemos episódios envolvendo atletas que foram lidos/as pela mídia como corpos fora da norma, em relação ao excesso de peso. Propomos olhar para os corpos desses/as atletas para mostrar como, em algum momento, a presença deles/delas no âmbito esportivo pode propor um novo lugar para pensar o esporte de alto rendimento. Todavia, também refletimos sobre como muitos preconceitos são associados em relação a esses corpos, principalmente quando se refere a mulheres atletas.

Nas próximas páginas ocupamo-nos de analisar episódios em torno dos discursos negativos da obesidade e/ou excesso de peso em futebolistas, interrelacionados com outros marcadores, como: raça/etnia, gênero e classe. Também, analisamos a influência da gordura corporal na trajetória de uma goleira de handebol e de uma lutadora de jiu-jitsu. Para a nossa reflexão, utilizamos um conjunto de discursos veiculados na imprensa sobre os casos dos/das atletas, porque eles nos levam a pensar possibilidades de compreensão do esporte enquanto um espaço possível de desconstrução dos discursos biomédicos sobre obesidade e/ou excesso de peso, bem como contribuem no debate sobre gordofobia no esporte.

GORDOFOBIA NO FUTEBOL: A GORDURA COMO UM PROBLEMA

Os anônimos que passeiam pelas ruas não são os únicos que sofrem com a gordofobia. Celebidades das mais diversas áreas passam por pressões estéticas e recriminações em relação à aparência. Principalmente no meio esportivo, onde a *performance* é valorada a partir de resultados, há o medo da perda de contratos ou do risco que pode existir à continuidade da carreira esportiva. Dessa forma, atletas precisam lidar cotidianamente com questões pessoais (desejos alimentares, saúde física e mental) e demandas vindas de padrões sociais impostos. Aqui apresentamos três casos de futebolistas que jogaram na seleção brasileira: os ex-atacantes Ronaldo “Fenômeno” e Adriano “Imperador” e a goleira Bárbara Michelini Barbosa.

Ronaldo Nazário, brasileiro nascido em 1976, é um ex-futebolista que fez uma brilhante carreira em equipes como o time holandês PSV, as equipes espanholas Barcelona e Real Madrid, bem como na equipe italiana da Inter de Milão e no time brasileiro do Corinthians (onde encerrou sua carreira em 2011). Ronaldo ganhou três vezes o prêmio de melhor jogador do mundo: em 1996, 1997 e 2002. Ainda, em 1997, com apenas 21 anos, foi o jogador mais jovem a receber o título de Bola de Ouro.

Inicialmente chamado de "Ronaldo Fenômeno", após um longo período apresentando excesso de peso, Ronaldo passou a ser chamado de "Gordo" e recebeu apelidos satíricos como "Gordonaldo" ou "Ronalduxo". Ronaldo era interpretado desde a Copa de 1998 pelo ator Bussunda (nome artístico de Cláudio Besserman Viana), sendo alvo de brincadeiras por parte do programa humorístico televisivo “Casseta & Planeta, Urgente!”. Os discursos sobre o peso apareceram de forma mais positiva quando ele jogava no PSV (1994/1996) e passou por um processo de fortalecimento muscular, ganhando "força/músculos" (peso).

Em 2000, no auge da sua carreira, com 23 anos, Ronaldo sofreu uma lesão no tendão patelar e nos ligamentos do joelho, tendo que ficar afastado do futebol por mais de um ano. Nos anos seguintes à lesão e à Copa de 2002, especialistas diziam que estava mais pesado e mais lento, embora suas habilidades técnicas e criatividade em campo fossem inquestionáveis. A estética de Ronaldo gerou desconforto na mídia e ao longo de sua carreira lhe rendeu muitos questionamentos e pressões. Principalmente depois

das lesões, Ronaldo passou a apresentar uma forma física fora dos padrões que apresentava antes.

Em 2009, ao jogar pelo Corinthians, o jogador chegou à equipe com 115 quilos e eliminou 30 quilos com planos elaborados pela equipe médica. Em 2012, participou de um programa da Rede Globo chamado Medida Certa, em que apresentou uma perda de 17 quilos (passou de 118 a 101 quilos) (MÉDICO AFIRMA QUE..., 2016).

O ex-atleta e atual dono da equipe brasileira do Cruzeiro e da espanhola Real Valladolid Club de Fútbol atribui sua mudança de peso ao hipotireoidismo, descoberto em 2007. Ronaldo nunca havia se posicionado sobre as pressões que sofreu por estar mais gordo. Em 2019, em uma entrevista ao jornal britânico Financial Times, Ronaldo disse o seguinte: “Eu vejo muitos ativistas para muitas coisas. Se você é negro, se você é gay . . . [mas as pessoas] chamam o Ronaldo de gordo? Eu nunca ouvi alguém me defendendo”⁵ (AHMED, 2019). Ronaldo se expressou sorrindo e depois complementando que não se importava, porém esta foi a primeira vez em que revelou o quanto também gostaria que alguém o defendesse e que suas demandas subjetivas fossem ouvidas.

Outro atleta que sofreu com discursos gordofóbicos durante a carreira foi Adriano Leite Ribeiro, conhecido também como "O Imperador" (em alusão ao imperador romano). Ele foi jogador da seleção brasileira (entre 2000 e 2010) e sua carreira foi constituída em clubes como Flamengo, Internazionale, Roma e Miami United. Após a morte do pai, em 2004, o jogador entrou em depressão (IMPERADOR, 2021) e passou a utilizar álcool e a frequentar casas noturnas, abandonou os treinamentos e começou a apresentar baixo rendimento em jogos. Antes admirado por seu vigor físico e fortes chutes, o jogador passou a ser considerado como um problema para os dirigentes de equipes, devido a seu comportamento inadequado para uma carreira profissional.

Dos esportistas são esperadas rotinas de exercícios, disciplina e dieta balanceada. Em 2014, após publicar uma foto sem camisa em um churrasco com amigos, Adriano foi criticado nas redes sociais com comentários como "gordo", "pelancudo" e indagações como "Tá com quantos meses (de gravidez)?". Sua barriga avantajada demonstrava um porte físico que o diferenciava dos demais atletas. Entre altos e baixos,

⁵ Tradução do original: “I see many activists for many things. If you are black, if you are gay. . . [but people] call Ronaldo fat? I never heard somebody defending me”.

Adriano afastou-se do futebol, principalmente por não conseguir recuperar sua saúde mental para um retorno vitorioso aos gramados.

Também com excesso de peso, em julho de 2021, a goleira brasileira Bárbara Michelini foi criticada pelo jornalista holandês Johan Derksen após uma falha ao defender um lance que resultou em gol da Holanda nos Jogos Olímpicos. Bárbara ganhou medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos (2007) e medalha de prata em Pequim (2008). Ela participou de quatro Mundiais e jogou por equipes brasileiras como Sport Clube Recife, Kindermann e pela equipe sueca Sunnana SK.

Depois de uma falha da goleira nas Olimpíadas, Derksen disse: "Essa goleira está acima do peso não? É uma porca com um suéter" (GORDOFOBIA..., 2021, s.p.). A pressão estética e ridicularização da jogadora foram também reproduzidas pela atleta paralímpica Andréa Pontes, que em meio a uma discussão no Instagram expressou: "(...) quer fazer um tiro 200m de velocidade comigo? Você aguenta? 'Cheinha' como você está, o arrasto do caiaque vai ser grande!". Complementar a esta discussão, postou na legenda da foto "Ao invés de ficar discutindo no Instagram, vai treinar para ver se emagrece" (MIRANDA, 2021, s.p.). A polêmica rendeu, principalmente porque Bárbara respondeu à atleta com comentários capacitistas, criticando a deficiência física da atleta. Sem querer estender a discussão sobre as farpas trocadas entre as atletas, cabe ressaltar que ficaram explícitos preconceitos por ambas as partes, os quais são reproduzidos não apenas no meio esportivo, mas também socialmente.

Dos casos acima relatados, pode-se perceber que os três futebolistas (Ronaldo, Adriano e Bárbara) sofreram críticas quanto ao seu peso em idades que podem ser consideradas mais avançadas na vida profissional, em torno dos 30 anos. Nenhum deles estava em início de carreira e passaram durante muito tempo por rígidas rotinas de padronização do corpo, com pouca liberdade quanto a treinamentos e dietas. Em seus casos percebe-se que a quebra de padrões aciona mecanismos de controle, hoje mobilizados pelas redes sociais. Em relação ao esporte, percebe-se que a gordura pode ser vista como positiva em algumas modalidades, sendo que "existem algumas versões ocidentais secularizadas com os esportistas 'pesados' (halterofilistas, lançadores de peso, lutadores de *catch*, boxeadores de peso pesado, etc.)" (FISCHLER, 1995, p. 75).

No caso de Adriano, ele revela que "(...) como não tínhamos muito dinheiro, minha avó costumava fazer pipoca pra gente comer. Ou, de vez em quando, ela cortava

um pedaço de pão e botava um pouco de açúcar no meio. Coisas simples. Era o que tinha” (IMPERADOR, 2021, s.p.). Devido à falta de recursos financeiros, o jogador acostumou-se a comer aquilo que a família poderia comprar e que era mais barato ou que fornecesse mais energia, como os carboidratos e açúcares. Adriano também revelou que quando saía dos treinos era “hora de tomar um querosene” (IMPERADOR, 2021, s.p.), indicando a predileção pelo consumo do álcool. A ingestão de alimentos e bebidas que extrapolam a dieta recomendada aos atletas profissionais, tinham muito a ver com o seu entorno comunitário e com a história familiar de Adriano.

Em relação às questões étnico-raciais, pode-se evidenciar que tanto Adriano quanto Bárbara são negros⁶. Em termos culturais e históricos, o corpo negro durante muito tempo foi voltado ao trabalho braçal e apresentou corpos mais volumosos e com ingestão de alimentos hipercalóricos. Histórias como a da sul africana Saartjie “Sarah” Baartman, que no século XIX era exibida em apresentações na França como a “Vênus Hotentote”, demonstram os resultados da expansão do racismo na sociedade europeia, reproduzindo desde os anos 1700 ideias de que as mulheres negras eram “encorpadas” e que este aspecto corporal seria um sinônimo de selvageria (STRINGS, 2020).

O corpo gordo é um corpo ambivalente, considerado como maligno ou benigno (FISHLER, 1995). É um corpo que ora é considerado egoísta, por quebrar a regra de divisão igualitária dos alimentos ou de cuidado próprio, ora é considerado divertido, carismático ou alvo de piadas. O corpo “gordinho” é aquele que pode ser símbolo de alegria, de alguém que desfruta da comida sem culpa ou que simplesmente tem um metabolismo que lida de forma diversa com a ingestão calórica.

Apesar de ser visto como inapto ao trabalho, o corpo gordo pode ser também um corpo forte e potente. A corpulência pode ser positivada a partir de um olhar que utilize critérios sociais que não culpabilizem a gordura, mas que procurem entender suas causas e repercussões nos diferentes corpos.

⁶ Em 2005, Ronaldo se autodeclarou branco (CAPRIGLIONE, 2008) e gerou críticas principalmente da comunidade negra em relação à dificuldade de algumas pessoas em assumir sua negritude e com isso contribuírem para a omissão dos debates em relação à questão racial.

EXCESSO DE PESO X PERFORMANCE ESPORTIVA

A goleira Teresa Patrícia Almeida, angolana nascida em 1988, representou seu país no Campeonato Mundial Feminino de Handebol em 2013 (na Sérvia) e nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Mais conhecida como Bá, ela ficou bastante popular na época dos Jogos no Rio por seu carisma e atuação, apesar das críticas recebidas por estar acima do peso considerado ideal para uma atleta de handebol.

Bá, por meio dos discursos da mídia na época dos Jogos Olímpicos Rio 2016, teve sua imagem ligada à aparência de seu corpo, negro e gordo, mais do que por sua boa *performance* e seus anos de treinamentos. Em uma de suas entrevistas ela desabafou sobre as pessoas não acreditarem em seu potencial, mas afirmou que ela própria acreditava ser capaz de demonstrar que é possível fugir dos padrões desejados para um corpo atlético:

‘Todos dizem que sou muito fofinha. Muita gente não acredita que com o corpo que tenho possa praticar um esporte como este. Mas com trabalho tudo é possível. Quero mostrar que as gordinhas também podem se dar bem no esporte’, afirmou Bá sem nenhum constrangimento (GOLEIRA... 2016, s.p.).

Denise Sant’anna (2016), no livro “Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil”, mostra como do século XIX ao XXI a passagem histórica do corpo no Brasil simboliza também as transformações culturais, comportamentais e alimentares da população, e como o corpo rechonchudo passa de lindo e saudável para reprimido e adoecido. Segundo Sant’anna (2016), no final da década de 1920, com o surgimento de propagandas que buscavam comercializar remédios para emagrecimento associados especificamente a gordura feminina e a um corpo descuidado, buscava-se “[...] desvalorizar as silhuetas rechonchudas [...] e afinar a cintura das jovens em busca do casamento” (SANT’ANNA, 2016, p. 70). Foi assim que os discursos sobre o excesso de peso se disseminaram. Com o *boom* dos produtos de beleza e cosméticos no mercado estético, ressoavam discursos nos quais “engordar era sinônimo de perder a elegância” (SANT’ANNA, 2016, p. 72), e assim a exclusão do corpo gordo e a modificação nos padrões de beleza foram se solidificando por meio de propagandas em diferentes mídias. Nestas propagandas, as mulheres exibiam a vergonha de serem gordas e a

preocupação na busca por apresentarem silhuetas esguias que agradassem aos homens. Percebe-se, portanto, não apenas um discurso ligado à estética, mas também à reprodução de uma heterossexualidade compulsória (RICH, 2010).

A todo momento o nome de Teresa estava ligado ao seu peso e seu corpo, questionando, por meio dos discursos da mídia analisados, se ela estaria contente com o seu físico. Percebemos, desse modo, que o corpo de Bá se torna publicamente alvo de julgamentos. Em várias reportagens sobre a atleta Teresa Almeida, encontramos referências sobre o seu corpo fora dos padrões atléticos, colocando seu corpo robusto permanentemente em discussão, em detrimento de sua boa *performance*.

Em uma das reportagens, uma nutricionista foi entrevistada e afirmou que é possível ser uma atleta de elite obesa, mas que “no caso da goleira Bá, provavelmente o excesso de peso não é desejável do ponto de vista da saúde, mas ela, apesar disso, tem um desempenho que a levou ao mais elevado nível de competição” (GORDINHOS OLÍMPICOS..., 2016, s.p.). Observa-se que, apesar de associar a gordura à ideia de saúde, a nutricionista não pôde deixar de considerar que o desempenho de Bá estava de acordo com o nível esperado.

Em nenhuma das matérias jornalísticas foi possível perceber os questionamentos ou reflexões sobre a possibilidade de corpos acima do peso, por vezes, estarem mais saudáveis e/ou “menos sedentários”⁷. A gordura traz à tona discursos sobre transtornos alimentares, por meio dos quais o corpo gordo é relacionado a pessoas que possuem problemas emocionais, “descontando” na comida suas tristezas, causando a obesidade e/ou a compulsão alimentar (SANT’ANNA, 2016).

Em uma das reportagens que circulou em sites de notícias dos Jogos Olímpicos Rio 2016, é possível perceber que, mais uma vez, o corpo de Teresa não passava despercebido. Novamente, a forma física dela foi referenciada como atípica para uma atleta de handebol, e assim como em outras reportagens, o peso da atleta foi citado, indicando que estava acima do indicado. A matéria: “Gordinha sensação do handebol admite que sobrepeso atrapalha, mas ignora regime” (GORDINHA..., 2016) traz em seu conteúdo uma série de perguntas feitas à atleta, sobre o quanto seu sobrepeso poderia

⁷ Conforme Fraga (2016), o termo “sedentário” é impreciso, pois não há parâmetros concretos para medir o que poderia ser considerado como sedentarismo. Talvez se possa mais relacioná-lo a um conjunto de comportamentos considerados negativos pelo saber médico, tal como não realizar atividade física e um imaginário ligado à depressão, gordura e falta de cuidado.

atrapalhar na hora da partida. Ainda que, em momento algum, a atleta dissesse que seus quilos atrapalhavam sua *performance*, a reportagem questionava o estilo de vida da atleta, incentivando-a a tentar uma dieta para facilitar sua mobilidade.

Uma outra relação bastante vinculada aos discursos produzidos sobre Bá é que só há saúde se o corpo for magro. E o conceito de saúde atualmente difundido é impregnado de preconceitos e de aversão a corpos gordos. Em um trecho o profissional da saúde entrevistado afirma:

Em outras palavras, o fato de ser atleta não anula completamente as desvantagens do excesso de peso. O motivo para o pessimismo está baseado em estatísticas médicas - um indivíduo mais pesado, mesmo que ativo fisicamente, vive menos (na média) do que uma pessoa com índice de massa corpórea (IMC) normal. Os problemas geralmente aparecem no médio ou longo prazo. Se todo o peso extra fosse músculo, não teria esse problema, mas a gente sabe que não é o caso (GORDINHA..., 2016, s.p.).

Propomos pensar que a própria definição de saúde não é unívoca para pensar os corpos. Da forma como a mídia vem construindo discursos, o corpo adiposo está destinado à aniquilação e funciona como um lembrete de que há tipos de corpos que estão sob risco de fracasso e são culpados, deformados e abjetos. Dessa forma, percebe-se que: “a imagem do corpo de um gordo é visceralmente rejeitada e serve para caracterizar todo tipo de identidade social ou do comportamento negativo do ponto de vista moral” (SCHPUN, 1997, p. 104).

De um lado, na atualidade percebe-se um forte apelo por uma sociedade mais ativa em relação à saúde e à busca de resultados. O controle dos corpos é constantemente reforçado por meio de inúmeros discursos jornalísticos ou biomédicos que apontam a necessidade de se exercitar continuamente, fazer caminhadas, corridas, bem como frequentar academias de ginástica. Por outro lado, encontram-se as expansões de lanchonetes, praças de alimentação repletas de *fast food*, que pouco oferecem em termos nutricionais. Ao mesmo tempo, dados estatísticos vêm mostrando que a obesidade atinge proporções epidêmicas, principalmente entre as famílias com menos condições econômicas (SANT’ANNA, 2016).

Neste contexto, o corpo obeso ou com excesso de peso torna-se o diferente, o fora do padrão, e causa estranheza a quem tem o olhar impregnado com preconceito e

que repete a exclusão em outros espaços sociais. No campo esportivo, essa exclusão não seria diferente, pois se apresenta como um *lócus* no qual o cumprimento de regras é fundamental para que permaneça funcionando como tal. Assim, o corpo obeso é percebido como aquele que viola determinadas normas de treinamento e alimentação. O corpo opulento afeta o ideal de saúde vinculado a corpos atléticos. Os corpos dos/as atletas de alto rendimento se apresentam como um modelo de saúde e moral hegemônica e higienista para o restante da população, instada a todo o momento à prática de esportes e aos cuidados corporais.

Há um vínculo estreito com a difusão dos discursos em relação ao esporte como produtor de saúde física e moral para a população; e os atletas são vistos como aqueles que devem servir como exemplos a serem seguidos. Ao compreendermos a gordofobia como um preconceito que tem como alvo a imagem de um corpo, percebe-se que a representação de pessoas gordas, especialmente de mulheres, extrapola a reprodução das críticas e preconceitos em diferentes contextos sociais.

QUANDO A GORDURA “VIRA” MÚSCULOS

Gabi Garcia, de 37 anos, 1,87 metros de altura e 111 quilos é considerada uma lenda do jiu-jitsu e possui uma carreira repleta de conquistas, incluindo múltiplas medalhas de ouro nas principais competições da modalidade. Ela foi nove vezes campeã mundial de jiu-jitsu e onze vezes campeã em Jogos Pan Americanos, dentre outros títulos. No campeonato de MMA (*Mixed Martial Arts*), a atleta até julho de 2022 permanecia invicta, com cinco vitórias nas seis lutas que fez como profissional, cinco delas no evento japonês RIZIN e uma no americano ROAD, e uma luta sem resultado. Todas as suas vitórias foram por nocaute ou finalização.

Além de toda a preparação para lutar MMA, Gabi Garcia passou por uma grande transformação física. A lutadora perdeu 40 quilos para estreiar no campeonato, em 2015. Esta mudança física causou, na mídia, muito debate sobre seu corpo, que passou do excesso de peso para uma musculatura bastante avantajada.

Em sua página do Instagram, Gabi postou duas fotos anteriores e posteriores ao seu processo de emagrecimento. Na foto ela publicou uma legenda em que explicava o porquê da mudança e mostrava que a escolha do corpo ideal deve ser feita por quem mora dentro dele e não por quem está do outro lado. A atleta escreveu: “Na foto da

esquerda eu já era campeã mundial de Jiu-Jitsu e as pessoas falavam que eu estava gorda. Na foto da direita, 30 dias atrás as pessoas falam que estou muito forte [...] desculpa se minha felicidade e meu corpo não estão no padrão. Eu nasci pra ser fora dele” (GABI GARCIA, 2015, s.p.).

As postagens de Gabi em seu Instagram, bem como a maioria das notícias disponíveis sobre a atleta, fortalecem sua mudança física, os hábitos de vida que acarretaram a perda de peso, bem como, a beleza da atleta. Gabi compartilha muitas fotos sensuais e reitera, por meio de suas postagens, que é possível ser uma atleta vitoriosa, sensual e forte.

Um determinado padrão de beleza é construído por meio de discursos em diferentes âmbitos sociais, inclusive, e fortemente, na mídia. A padronização dos corpos de mulheres (atletas ou não), o reforço da imagem de corpos atraentes em revistas, sites e propagandas lançam e incentivam uma busca incansável da aparência física idealizada como "bela" (RUSSO, 2005), criando diferentes padrões de feminilidades, para que as mulheres não deixem de lado as características ditas femininas. Na busca de uma beleza mais torneada e marcante, no caso das atletas de alto rendimento, a feminilidade se aproxima de alguns padrões de masculinidades, que têm como uma das principais características a força, porém, “a suposta ferocidade dos homens deixou de ser vista como um atributo exclusivo a seu sexo” (SANT’ANNA, 2014, p. 150). E Gabi assume alguns rótulos com orgulho, citando suas conquistas e sendo chamada pela mídia como "She-Hulk", "Gogzila" ou "La gigante" (LA MUTACIÓN..., 2021, s.p.).

Le Breton (2003, p. 26) explica que o corpo é hoje um “desafio político importante — um analista fundamental das sociedades contemporâneas” e esse corpo deve ser construído, arquitetado em suas formas, encobrendo fragilidades e seus excessos. No caso esportivo, o corpo é a ferramenta com a qual se busca uma aparência aliada à *performance*. Nos casos de Bá e de Gabi, são figuras que positivam atributos que são considerados como fora do padrão hegemônico do corpo atlético.

Segundo Knijnik e Simões (2000), juntamente com sua imagem corporal, as atletas são moldadas pelo “mito do belo”, traduzido no “discurso da beleza do corpo feminino, um discurso pronto para construir um corpo feminino num tamanho específico, com gestos e movimentos restritos, diferentes e sedutores” (KNIJNIK, SIMÕES, 2000, p. 199). É esse corpo atlético que é admirado, idolatrado e desejado pelo

imaginário social e esportivo. “Essencial enquanto veículo do ser (atleta) no mundo, o corpo também é estampa viva dos estereótipos de beleza e feiura” (KNIJNIK, SIMÕES, 2000, p. 198). Gabi Garcia já era campeã mesmo com seus 150 quilos, então o que pode ter levado a atleta a buscar um outro padrão de apresentação de seu corpo?

Sabe-se que as categorias sociais se adaptam a cada tempo histórico e possuem diferentes significados, construídos em cada sociedade. O corpo “belo”, “atlético” ou “saudável” é resultado de adequações a atributos e formatos de apresentação que com o passar do tempo, podem ser positivados ou negativados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizamos os discursos da mídia para pensar como ela constrói e passa a influenciar nos estereótipos, preconceitos e construções culturais acerca de corpos que apresentam dobras ou excessos de gordura, bem como esses mesmos discursos podem modificar o entendimento da *performance* de esportistas atuantes no esporte de alto rendimento. A partir dos exemplos trazidos ao longo deste ensaio, vimos que nem sempre a gordura/obesidade ou excesso de peso põem em xeque o desempenho de atletas. Ao contrário, refletimos sobre como é possível, mesmo a corpos que fogem dos padrões de um biótipo considerado atlético, demonstrar uma boa *performance*. Tereza e Gabi, servem como exemplos.

Claramente, existe uma lacuna nos estudos da obesidade (gordura e/ou excesso de peso) no caminho oposto ao que os estudos biomédicos vêm apresentando, geralmente fundamentados nos argumentos de bem-estar e vida saudável (o corpo gordo é tratado como doente, anormal e sem saúde). A lógica gordofóbica construída pelo discurso biomédico nos parece empurrar os/as gordos/as para a margem da sociedade com base em um discurso sobre a saúde, desconsiderando a potencialidade dos corpos gordos.

Nossa intenção aqui é ampliar as possibilidades de pensar o esporte de alto rendimento, reivindicando que os corpos gordos podem e devem ser entendidos por vieses que não carreguem tantos estigmas, preconceitos, estereótipos e exclusão. As críticas voltadas ao corpo gordo não carregam apenas aspectos de valorização da produtividade, mas também carregam ideais sobre o que é considerado um corpo

atrativo (principalmente por um viés heteronormativo), a partir de estudos que muitas vezes desconsideram a raça/etnia, regionalidade e nível socioeconômico na construção dos ideais corporais.

REFERÊNCIAS

AHMED, Murad. Brazil's Ronaldo on owning a club, fame and playing under Berlusconi. *Financial Times*. 10 mai 2019. Disponível em: <https://www.ft.com/content/de15acf8-70e7-11e9-bbfb-5c68069fbd15>. Acesso: 20 jul 2022.

ALVES, Camila Aloisio; GUILHERME, Alexandre Anselmo; SANTOS, Lara Vedovatto. Expressões da violência associada ao corpo gordo: Uma revisão bibliográfica qualitativa. *Revista Polis e Psique*, v. 13, n. 2, p. 160-183, 2021.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do Século XX. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003.

CALLAHAN, Alice. ¿El Índice de Masa Corporal es un cálculo engañoso? *The New York Times*. 21 mai 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2021/05/21/espanol/IMC-formula.html>. Acesso: 22 jul 2022.

CAPRIGLIONE, Laura. Cor de celebridades revela critérios 'raciais' do Brasil. *Folha*. 23 nov. 2008. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200827.htm>. Acesso: 19 jul. 2022.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. B. (org.). *Políticas do Corpo*: Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 69-80.

FRAGA, Alex Branco. El sedentarismo es... *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.25, n.3, p.716-720, 2016.

GABI GARCIA a faixa preta de jiu jitsu que é uma campeã dentro e fora dos tatames. 10 set 2015. Disponível em: <https://bjjfanatics.com.br/blogs/news/gabi-garcia>. Acesso 29 jul 2022.

GOLEIRA “gordinha” de Angola é melhor que Neymar para a torcida brasileira. 9 ago. 2016. UOL. Disponível em: <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/09/goleira-gordinha-de-angola-e-melhor-que-neymar-para-torcida-brasileira.htm>. Acesso 16 jul 2022.

GORDINHA sensação do handebol admite que sobrepeso atrapalha, mas ignora regime. 11 ago. 2016. ESPN. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/621119_gordinha-sensacao-do-handebol-admite-que-sobrepeso-atrapalha-mas-ignora-regime. Acesso 17 jul. 2022.

‘GORDINHOS OLÍMPICOS’, apesar de exercício, ainda correm risco de saúde. 18 agos 2016. UOL. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2016/08/1804197-gordinhos-olimpicos-apesar-de-exercicio-ainda-correm-risco-de-saude.shtml>. Acesso 16 jul 2022.

GORDOFOBIA: Goleira Bárbara é chamada de ‘porca de suéter’ por jornalista holandês. 27 jul 2021. UOL. Disponível em:

https://cultura.uol.com.br/olimpiadas/noticias/2021/07/27/442_gordofobia-goleira-barbara-e-chamada-de-porca-de-sueter-por-jornalista-holandes.html. Acesso 20 jul. 2022.

IMPERADOR, Adriano. O Adriano Tem Uma História Para Contar. *The Players Tribune*. 11 mai. 2021. Disponível em: <https://www.theplayerstribune.com/br/posts/adriano-imperador-tem-uma-historia-para-contar-carta>. Acesso: 20 jul 2022.

JIMENEZ, M.L.J. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. *Epistemologias do Sul*, v. 4, n. 1, p. 144-161, 2020.

JIMENEZ, Maria; SILVA, Marcelle. Feminismo gordo: sexo, desejo e prazeres revolucionários. *Revista Ártemis*, v. XXXI, n. 1, p. 322-335, 2021.

KNIJNIK, Jorge; SIMÕES, Antonio Carlos. Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. *Revista Paulista de Educação Física*, v.14, n.2, p.196-213, 2000.

LA MUTACIÓN de la 'She-Hulk' del MMA: Gabi García es 'La Gigante' de las Artes Marciales Mixtas. *Marca*. 24 fev. 2021. Disponível em: <https://www.marca.com/buzz/2021/02/23/6034cb4a46163f3f7d8b456c.html>. Acesso: 14 jul. 2022.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.

MATOS, Keyte dos S.; ZOBOLI, Fabio; MEZZARROBA, Cristiano. O corpo obeso: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia. *Anais do IX SEF - Semana de Educação Física*. Universidade Federal de Sergipe, 10 a 13 de abril de 2012.

MÉDICO AFIRMA QUE Ronaldo perdeu 30 quilos quando jogou no Corinthians. Veja São Paulo. 5 dez. 2016. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/medico-afirma-que-ronaldo-perdeu-30-quilos-quando-jogou-no-corinthians/>. Acesso 20 jul 2022.

MIRANDA, Andreza. Goleira da seleção feminina troca ofensas com atleta paralímpica em discussão nas redes sociais. BHAZ. 28 jul 2021. Disponível em: <https://bhaz.com.br/noticias/esportes/andrea-pontes-barbara-barbosa-trocam-ofensas-instagram/#gref>. Acesso: 21 jul. 2022.

ORAKA, Claudia S.; FAUSTINO, Deivison M.; OLIVEIRA, Elda; TEIXEIRA, João A.; SOUZA, Alex Sander P.; LUIZ, Olinda do C. Raça e obesidade na população feminina negra: uma revisão de escopo. *Saúde e Sociedade*, v. 29, n. 3, 11 Nov 2020.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, n. 5, p. 17-44, 2010.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. *Revista Movimento & Percepção*, v. 5, n. 6, p. 80-90, 2005.

SÁNCHEZ, Gabriela Quirós. Gordofobia: existencia de un cuerpo negado. Análisis de las implicaciones subjetivas del cuerpo gordo en la sociedad moderna. *Revista Latinoamericana de Derechos Humanos*, v. 32, n. 1, p. 1-11, 2021.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

SANTOLIN, Cezar Barbosa; RIGO, Luiz Carlos. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. *Movimento*, v. 21, n. 1, p. 81-94, 2015.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. 1 ed. São Paulo: Senac, 1997.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Relações entre gordofobia e teoria histórico-cultural: interfaces com a educação. *Itinerarios Reflectionis*, v. 17, n. 2, p. 1-18, 2021.

STRINGS, Sabrina. A origem racista da gordofobia. Traduzido por Carol Correia. Medium. 4 set 2020. Disponível em: <https://solemgemeos.medium.com/a-origem-racista-da-gordofobia-c9bb727b9ffe>. Acesso: 1 ago 2022.